

A MULHER EM *CARMINA BURANA*

Eduardo *HOORNAERT*¹

1. Acerca da Idade Média
2. Acerca dos goliardos
3. Acerca da mulher na Idade Média
4. A mulher em *Carmina Burana*
5. Abrindo um espaço maior.

1. Acerca da Idade Média

Existem muitos preconceitos acerca da Idade Média.

- O primeiro está na própria denominação. A Idade Media aparece como um tempo intermediário entre duas grandes épocas: o império romano e a modernidade. O termo aparece pela primeira vez em 1469, num escrito do bibliotecário do papa. Empolgado pela ideia da renascença, ele vê o período anterior como um túnel escuro entre duas eras resplandecentes, a antiguidade (Grécia, Roma, mas também a bíblia) e renascença (tempos modernos, ou seja, de renovação). Para ele, a renascença é uma revolução cultural. O termo Idade Média até hoje serve como saco de pancada dos progressistas. Fala-se em ‘obscurantismo medieval’, ‘atraso medieval’, decadência, trevas. Num flagrante erro de perspectiva, atribui-se à Idade Média a inquisição (que se desenvolve na idade moderna), a caça às bruxas (que vitimou 100.000 mulheres entre os séculos XVI e XVIII), o puritanismo (fenômeno da modernidade) e a repressão da sexualidade.
- O segundo preconceito consiste em pensar que somos mais ‘avançados’ que os medievais. Fizemos enormes progressos em termos materiais e tecnológicos, mas a impressão que tenho é que perdemos em comunicação. Nasci numa cidade medieval (Bruges, conservada por ter ficado pobre no início da época industrial) e confesso que me sinto bem quando ando por essas ruelas estreitas, em que as pessoas devem ter vivido muito próximas uma das outras. Penso que não adianta fazer esse tipo de comparação. Melhor colocar simplesmente os medievais ao lado dos modernos, nem em baixo nem em cima (como fazem certos saudosistas). Um exemplo flagrante de nossa arrogância pode ser visto na urbanização do centro de Paris, onde a linda cidade medieval foi substituída por construções horrorosas, prepotentes e insípidas. Só se conservou a Notre Dame e a Sainte Chapelle. Isso é um exemplo que mostra onde estamos hoje em termos de cultura.
- Um terceiro preconceito consiste em dizer que o Brasil é uma formação moderna e não medieval. Isso é verdade em termos cronológicos, não culturais. O professor Maurice lutou arduamente contra esse preconceito, e sempre repetia: temos de ativar ‘o intercâmbio literário medievo-moderno’.
- Talvez a vida na Idade Media tenha sido mais alegre que na idade moderna. Insistimos demais no ‘cérebro calculador’, em detrimento do ‘cérebro sensível’. O riso medieval até hoje nos dá inveja. É o riso dos goliardos.

¹ Professor aposentado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Um dos fundadores da CEHILA (Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina).

2. Acerca dos goliardos.

No início do século XIII surge, no cenário católico, uma estranha ‘ordem religiosa’, que venera Golias como patrono, como nos lembra o professor Maurice, que escreve que o nome teria vindo de Abelardo, um verdadeiro Golias da ciência livre a desafiar o Davi da ciência presa, professada pela igreja. Abelardo elabora ao mesmo tempo excelente teologia e canções amorosas. Ele é um estudioso sério e namora uma aluna. Abelardo é um paradigma trágico, pois não encontra um caminho dentro do labirinto eclesiástico.

O século XIII é o tempo do florescimento de ordens religiosas. Nisso, a ‘ordo vagorum’ ao mesmo tempo destoa, problematiza e aponta para questões fundamentais. A igreja não entende essa ‘ordem’ e toma o caminho mais fácil, o de reprimir. A luta começa em 1231 e dura séculos. O clérigo vagante é banido do clero. Ele tem de raspar a cabeça para fazer desaparecer a tonsura. Ele não pode mais entrar nos conventos e desse modo vive ao longo dos caminhos, ‘fora da lei’ e livre que nem um pássaro no ar. Essa liberdade traz a pobreza, O goliardo aproxima-se dos saltimbancos, prestidigitadores, charlatões, acrobatas, adestradores de macacos ou ursos, bobos e cômicos, vive em tabernas e prostíbulos e tem contacto com mulheres da vida livre. No final do século XIV, goliardo significa dono de prostíbulo. Mas o pior castigo é a fome. Será por acaso que ele gosta de dormir em forno de padaria?

Mas, por que tanto sofrimento? É que o goliardo é fascinado pela ciência. A ciência é um paraíso de liberdade e grandeza humana, contra o acanhamento da teologia dos conventos. Ele sabe que a ciência traz liberdade, mas encontra poucos professores livres. Então esse clérigo deixa o convento e anda pelo mundo à procura da ciência, ou seja, atrás de bons professores, que são inevitavelmente clérigos. Na época, todos os cientistas são clérigos, e eles enfrentam o problema do celibato. Mas o goliardo é teimoso, ele ousa mexer com as leis canônicas que proíbem o amor livre, uma das questões mais espinhosas do direito canônico. O celibato é protegido pela tonsura e pelo hábito, mas muitos tonsurados andam pelo mundo sem exercer nenhuma função pastoral. Pois, na época, ser clérigo é ser alguém, é ser considerado culto e inteligente. A roupa de estudante é roupa de clérigo. Mas os bons professores são raros. Nem todos são como Abelardo. Ulrich von Hütten foge do mosteiro de Fulda, aparece em Colônia, Erfurt, Frankfurt e Bolonha, sempre à procura da ciência. Em 1348, o papa dá licença de sair do mosteiro por três anos para estudar. Aí muitos viajam a Roma e povoam as tabernas ao longo dos caminhos. A ‘libertas evagandi’ traz o problema da vida sexual e o problema da pobreza. Pois o monge fujão vai ao mesmo tempo atrás da ciência e atrás do evangelho. Ele diz: não me procure entre prelados nos palácios. Estou no caminho de Jericó, deitado ao lado da estrada, esperando o bom samaritano.

O goliardo exerce um fascínio sobre os conventos e mosteiros. Os monges gostam quando um goliardo canta e dança no refeitório da abadia depois da janta. O abade fica revoltado, mas os monges se sentem atraídos. Mesmo prelados se sentem seduzidos. ‘In palatio ubique risonat cantus’. O goliardo é uma presença trágico-cômica. Ele sabe cantar, ou seja, domina uma das fundamentais funções eclesiásticas, fundamento da liturgia: cantar. Sabe rir e exerce a irresistível atração da liberdade.

As virtudes do goliardo contrastam com as virtudes cultivadas nos mosteiros, onde se valorizam as virtudes feudais: fidelidade (os fiéis), lealdade, voto perpétuo (juramento), exaltação da autoridade (abade), voluntarismo. O mosteiro exalta o ideal do homem controlado, discreto e afastado do mundo. Ele se prepara para enfrentar o sofrimento, não o prazer, fica mais ocupado com afazeres intelectuais e espirituais do que com os carnavais. Na opinião do mosteiro, o goliardo é vagus, cupidus, amator, venustus, instabilis. Exatamente o contrário do mosteiro. O goliardo canta:

Nunca erit habilis
Qui non est instabilis

Por sua maneira de viver, o goliardo mostra que o convento é uma prisão: chato, hipócrita, falso, submisso, ignorante, parado. A vagância traz liberdade, novidade, alegria, ciência. Muitos entram nos mosteiros e depois se decepcionam. Eles têm e interromper o sono no meio da noite, o que é uma estupidez (o tema volta repetidamente em *Carmina Burana*). As vigílias, os jejuns, a rotina, a conformidade, a comida sem gosto, tudo é triste, monótono, permeado de hipocrisia. Mas para os eclesiásticos, os goliardos têm a marca de Caim na testa. A condenação eclesiástica, imprimida pelos bispos, os persegue o tempo todo. Rejeitado na portaria do mosteiro por ser ‘*scolaris pauper et vagus*’, o goliardo é visto como um morcego, rejeitado pelos bichos. (veja o morcego no bestiário editado por professor Maurice).

Diante de tanta repressão, o goliardo provoca. Percebamos o tom provocativo na canção ‘*in taberna quando sumus*’ (CD 12). Ao mesmo tempo, ele cria uma capa dura de tenacidade na resistência.. O goliardo diz que perdeu todos os livros nas tabernas, em ‘*remissionem*’ de comida e vinho. Perdeu também a espiritualidade. Trata-se de uma poesia ácida, dura, persistente. Qualificar essa poesia de paródia é dizer pouco. O goliardo não admite sentimentalismo e persiste até o fim, como se verifica num precioso documento da época

A última confissão de um goliardo (Waddell, ed. 1986, 183).

O confessor diz que basta repetir as palavras do Credo e dizer algo acerca de cada ponto. Eis a resposta do penitente moribundo:

Credo: no dado (do jogo)

In Deum: nunca vi

Patrem: já tive, mas perdi

Creatorem: estou no poder dele

Coeli: nunca pensei no céu, só penso em vinho

Et terrae: aí está minha alegria

Christum filium eius: gosto mais da taberna

Unicum: os vinhos de Orléans, Rochelle e Auxerre são únicos

Descendit ad inferos: nunca vi

Ad caelos:

Sedit: ao lado de uma menina, pois é melhor na taberna do que ad dexteram patris.

Venturi: aí eu gostaria de voltar. Em Paris há meninas bonitas.

Credo: no vinho

Spiritum sanctum: não conheço

Ecclesiam sanctam: nunca vi

Remissionem: sim, eu troco vinho por chapéu ou capa

Et corporis: os prazeres do corpo eu adoro.

No final, o moribundo acrescenta:

O que mais me angustia, padre, é a *vitam aeternam*. Ela não tem o menor valor. Peço a Deus que me poupe da *ressurrectionem*.

Vitam aeternam. Então me perdoe. Amén. Padre, terminou tudo. Reze por mim.

(editado por Barbazon-Meón, iv, Paris, 1808).

3. Acerca da mulher na Idade Média

A Idade Média cultivava menos o pudor que a idade moderna. O historiador Norbert Elias mostra como os corpos ficam mais expostos, com menos privacidade, na Idade Média (Elias, *O processo civilizador*, 1, 73 e 169). Não há ‘close’, não há ‘water close’ (WC). Não há lenço. O escarro, vômito, gordura da carne, a nudez e o sexo são mais expostos. Nos ritos do casamento, os noivos são levados até a cama nupcial e entram na cama na presença dos familiares e testemunhas. Ainda no século XVI (1530), Erasmo escreve um livro educativo para crianças de 8 a 10 anos (*De civilitate morum puerilium*), que traz uma conversa entre um rapaz e uma prostituta. O rapaz ‘educado’ aconselha a mulher a deixar a vida desregrada. Um texto como esse foi lido durante séculos, aparentemente sem provocar reações. A vergonha é um produto cultural dos últimos séculos, típico de nosso ‘processo civilizador’ (Norbert Elias). O puritanismo afasta os corpos. Os europeus diante do ‘abraço brasileiro’.

Uma segunda observação: é difícil saber como a mulher se sente na sociedade medieval, pois só possuímos pouquíssimos textos escritos por ela. Os letrados são quase exclusivamente homens. Só conhecemos a mulher por meio de um discurso indireto. Como lembra o professor Alder Calado em seu trabalho sobre as beguinhas, há distorções na documentação. Por sua simples presença, a mulher lembra que a humanidade é composta de dois gêneros, algo que o discurso masculino costuma esconder. O homem consegue escrever longos tratados em que a realidade dos gêneros não aparece. A mulher lembra que somos sexuados.

Uma terceira observação: o panorama medieval feminina, tal qual aparece nos textos, é dominado por princesas e freiras. Só elas aparecem. A maioria das santas é da nobreza ou dos conventos, ou então ligadas a congregações masculinas (OSB). Aparecem as abadessas, pessoas poderosas. Algumas mulheres escapam, como Hildegarde de Bingen (faleceu em 1179), que escreve tão bem que se torna profetisa da igreja, ou Julian de Norwich (1343-1416) que se esconde sob um nome masculino e é uma mística de grande qualidade. Há ainda Matilde de Magdeburgo, Catarina de Siena, e poucas outras. Mas, para a mulher, é perigoso aparecer.

Em 1310, Marguerite Porete escreve ‘*Le miroir des simples âmes*’, em que critica o comportamento masculino. Ela é excomungada e queimada. Igualmente vergonhoso (ainda para hoje) o destino dado a Joana d’Arc, que salvou a realeza francesa e lhe deu dignidade. Ela também acaba queimada sob a alegação que se veste em homem e ocupa um lugar reservado aos homens. Joana entrou no universo masculino e com isso ameaçou derrubar, sem o saber, uma série de leis que colocavam a mulher no seu ‘devido lugar’, como a lei da inferioridade jurídica, a falta de acesso ao patrimônio, a dificuldade de se ‘arranjar’ um casamento.

O debate em torno do ‘*Roman de la Rose*’ (1230-1275), de 22.000 versos, uma das obras mais lidas e copiadas da literatura (200 manuscritos) ajuda a compreender a posição da mulher na ideologia medieval dominante. Nesse ‘romance’, principalmente na parte redigida por Jean de Meung, o encontro entre homem e mulher acontece dentro de um jardim fechado e altamente privatizado, um paraíso de prazer, com música e comidas oferecidas, fechado aos de fora. Dentro reina o amor, fora a vida cotidiana. O romance mantém silêncio sobre a casa, a cozinha, a lavagem de roupa etc. A dona de casa não aparece, nem as beguinhas (professor Alder Calado), nem as beatas do Brasil. A luta pela sobrevivência não existe dentro do jardim das delícias do amor. É uma imagem aristocrática, em que a mulher funciona como ‘rosa a ser deflorada’. Há um fato estranho na história desse importante documento, um dos mais importantes de toda a literatura francesa: a igreja, tão ciosa em defender os bons costumes e a moral, nunca se pronunciou a respeito do ‘roman de la rose’ (passar a gravura do jardim das delícias).

Mas esse romance não passa sem contestação. Em 1399 (mais de 100 anos depois da publicação do romance), se inicia a ‘querelle de la Rose’ com o ‘Épître au Dieu d’ amour’ de Cristina de Pizan (1364-1431). Trata-se da ‘primeira voz de mulher’ na literatura francesa (Simone de Beauvoir). Mais, estamos diante da primeira disputa escrita na literatura francesa.

Cristina de Pizan se revolta exatamente contra a imagem da mulher como ‘uma rosa a ser deflorada’, uma flor intacta da primavera (virgindade). Isso nos leva ao tema seguinte.

4. A mulher em Carmina Burana

Será que os clérigos vagantes quebram o imaginário do ‘roman de la rose’? O professor Maurice publicou 39 canções de Beuern. A grande maioria trata do amor, recorrendo a imagens que lembram o famoso romance: primavera, natureza intacta, flores (flore silva nobilis), tílias ao longo das alamedas, campos, prados, roupas brancas e imaculadas, lábios róseos, pele alva. O rapaz é um caçador na selva, ele penetra de espada em riste, procura ‘colher a rosa’ e deflorar as pétalas. A moça entra no campo deserto, na floresta escura, impelida pelo ócio. Ela é inocente, fica muito admirada quando aparece de repente o caçador. Ela é pastora inocente. Nas 39 canções só consegui encontrar uma (n. 16), em que parece que a mulher fala. Ela chora ‘me miseram’. Está grávida e não pode mais aparecer em canto nenhum, pois todos observam que tem o ventre crescido. Os pais mandaram o jovem para a França e ele tem de ficar em casa, lamentando o ‘pecado’ e chorando. ‘Ai de mim, que tristeza’. Ela se sente acanhada. Há ainda a canção 33 (Virgo dum florebam) que aparentemente expressa o pensamento de uma mulher, mas o tema me parece forçado. Ela penetrou só na floresta, fica sentada na beira de uma alameda de tílias e de repente aparece o caçador que a desnuda e deflora.

Hoy e toe!
Maledicantur tiliae
Iuxta viam positae.

Ela lamenta: o jogo acabou (ludus completur) e curte a decepção. Parece-me um texto forjado. Talvez a canção 34 (Estuans interius) explica melhor o sentimento do goliardo, inclusive em relação à mulher. Essa canção apresenta muito bem uma filosofia da provisoriedade e do prazer passageiro, contra os temas de eternidade e espiritualidade vigentes nos mosteiros e na casa do bispo. Aí aparece o tema de Vênus: ‘onde Vênus impera, o labor é suave’, e ainda ‘todos os caminhos levam à câmara de Vênus’. A impressão que se tem é que os Carmina burana seguem o imaginário do ‘roman de la rose’. Não se fala em cuidados maternos, educação de crianças, cozinha, limpeza da casa, lavagem da roupa. Nada disso aparece nas canções. Os goliardos, enfim, permanecem clérigos, são da classe alta, mesmo vivendo como pobres.

5. Abrindo um espaço maior

Tanto a dura experiência dos goliardos como os limites de seu comportamento diante das mulheres apelam para considerações mais amplas. Há quem diga que a experiência goliarda teria sido apenas uma aventura passageira, hoje desde muito varrida pelos ventos da história e que pode interessar como ‘divertimento’. Enfim, será que o movimento dos goliardos tem algo a nos dizer hoje? O mesmo se diga da ‘querelle des

femmes’, que começa no século XIV e dura muitos séculos. Será que ela ainda significa algo hoje?

Fica claro que a história dos vagantes nos obriga a estudar uma outra história da Idade Média. Com ela estamos diante do ‘reverso’ da história. Abandonamos a história de papas, bispos, abades, mosteiros, obediência, celibato, monaquismo, virtude, santidade, segurança, para estudar o outro lado: liberdade, procura do conhecimento, arte, música, sexualidade, insegurança, provisoriedade, pobreza, precariedade, tenacidade, sustento de cada dia.

A relação entre homem e mulher está na mesma linha da relação do ser humano com a natureza em geral. Desse modo, o capitalismo entra no campo da visão. O homem tem de aprender a se aproximar da mulher, não numa perspectiva de exploração, mas numa linha de amizade, respeito. O encontro humano faz parte de inúmeros encontros que temos continuamente com a natureza. Como nos comportamos diante da natureza? Mulher e homem são chamados à simbiose, à relacionalidade, como diria Ivone Gebara. Na relação entre um goliardo e sua namorada na taberna persiste no fundo uma relação de classe. O goliardo, mesmo estando na taberna com uma mulher, permanece clérigo e tem comportamento de classe aristocrática. Isso se revela nas canções. Ao goliardo falta fundamentalmente o respeito pela natureza da mulher. Nesse sentido se pode dizer que o comportamento do goliardo, por contestador que seja, de certa forma já prepara o capitalismo. Ele demonstra, sem o explicitar, uma mentalidade destruidora da natureza: a mulher é uma rosa a ser deflorada. O goliardo que se ‘aproveita’ da mulher na taberna é o antecessor daquele que, séculos depois, vai explorar o trabalho escravo dos índios e dos negros, matar e destruir. A razão é que ele só encara a natureza como fornecedora de bemestar e lucro para si. É importante falar claro: o erro do goliardo não consiste na relação sexual em si, mas na maneira em que se pratica essa relação. O pecado não está na relação com a mulher, mas na falta de uma redefinição dessa relação numa linha de respeito pela ‘natureza’. Eis, no fundo, a queixa de Heloisa a Abelardo: ‘você tirou proveito de mim, você me abusou’. Não se pode deixar de perceber a amargura da queixa da mulher grávida na canção 16. Penso que vale a pena relacionar o ‘erro’ do amor goliardo com o erro do atual capitalismo. São duas expressões do mesmo erro, que consiste em tentar ‘dominar’ a natureza em proveito próprio. Se o capitalismo provoca uma ruptura na troca material entre a natureza e a satisfação das necessidades humanas, o mesmo acontece com o encontro entre homem e mulher exaltado no ‘roman de la Rose’ e, afinal, no amor goliardo. O namoro goliardo não tem nada de inocente. Não é um passatempo fútil. Há de haver, em todas os relacionamentos entre homem e natureza, o que Marx chama ‘metabolismo’, Gebara ‘relacionalidade’, Heloisa ‘amizade’. Afinal, essas pessoas tão diversas entre si dizem a mesma coisa. Marx, Gebara e Heloisa dizem a mesma coisa. Eis o sentido do que a mulher revela nos versos dos Carmina Burana. Ela merece ser ouvida, mesmo nos dias de hoje. O estudo dessas canções apela para um fato novo na consciência coletiva, que ainda está longe de ser compartilhado por todos. Paradoxalmente, se pode dizer que figuras como Heloisa e as mulheres queixosas dos Carmina Burana preparam o socialismo do século XXI, que deverá integrar a relacionalidade entre homem e mulher da mesma forma em que integra a relacionalidade entre homem e natureza em geral.

6. Maurice Van Woensel

Agradeço esta oportunidade para me encontrar com a memória do professor Maurice Van Woensel, meu amigo de longa data. Como escreveu o professor Chico Viana, ele tinha ‘uma alma goliarda’. Sem aparentar, Maurice era um ‘um monumento de

inventiva e erudição', nas palavras do mesmo amigo Viana. Ele tinha a vocação de um 'eterno pesquisador', como sua esposa bem sabe. Seus quatro trabalhos são fundamentais, como comprova este seminário. Eles resistirão ao tempo, caso continuarmos a comentá-los. Maurice tinha intuição. Em seu livro 'poesia medieval ontem e hoje' (1998), ele demonstrou que a Idade Média vive na poesia popular de nossos dias. Há muito mais Idade Média no Brasil do que diz a vã filosofia. Maurice percebeu que vivemos em tempos de futilidades e ele repetia: temos de 'promover o intercâmbio literário medievo-moderno **enquanto é tempo**'. Nisso ele lutou até o fim.